



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

SAMARA FIDELIS DE MEDEIROS ALVES

**AS PREFERÊNCIAS DE LEITURA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E A
ABORDAGEM DO BEST-SELLER EM SALA DE AULA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

SAMARA FIDELIS DE MEDEIROS ALVES

**AS PREFERÊNCIAS DE LEITURA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E A
ABORDAGEM DO BEST-SELLER EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de graduado
no curso de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Kalina Naro Guimarães
(UEPB)

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474p Alves, Samara Fidelis de Medeiros.
As preferências de leitura de estudantes do ensino médio e a abordagem do best-seller em sala de aula [manuscrito] / Samara Fidelis de Medeiros Alves. - 2018.
28 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães ; Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Leitura. 2. Literatura contemporânea. 3. Texto literário.
4. Incentivo à leitura. I. Título

21. ed. CDD 372.6

SAMARA FIDELIS DE MEDEIROS ALVES

AS PREFERÊNCIAS DE LEITURA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E A
ABORDAGEM DO BEST-SELLER EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de graduado
no curso de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 22/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Kalina Nere Guimarães Nota: 10
Prof. Dr. Kalina Nere Guimarães (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves Nota: 10
Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Souza Neves.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marcelle Ventura Carvalho Nota: 10
Prof. Me. Marcelle Ventura Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota final: 10

À minha família pela atenção, cuidados, inventivo e apoio, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Martinho e Maria do Carmo, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos da minha vida, ensinando as primeiras lições e compartilhando todo amor e dedicação.

Ao meu esposo, Fidel, pelo incentivo diário aos meus estudos, como também pela paciência devotada, sem o seu estímulo e apoio nada do que estou prestes a alcançar teria sido possível.

Às minhas queridas irmãs, Maria, Valdete, Vanuza, Vanderleia e Valdenice, por sempre acreditarem e contribuírem com os meus sonhos, me ajudando nos momentos difíceis, com palavras de conforto e perseverança.

Aos meus amigos de infância, Karla, Márcia, Bruno, Regianne, Greyce e Jhoony, que viveram ao meu lado os primeiros momentos de minha vida escolar, momentos de grande importância, lembrados com muito carinho e saudades. Como também às amigadas que a universidade me trouxe, Andreia, Estela, Jéssica, Fátima, Mayara e, em especial à Monique, por ter me ajudado e me abrigado em sua casa quando precisava. Sem a leveza e alegria que vocês me passaram, tudo teria sido mais difícil.

Agradeço também aos meus sogros, Josefa e José, que me deram o suporte e ajuda necessários para trilhar o caminho acadêmico, e à minha mãe biológica, Maria das Graças, por ter me concedido o dom da vida e acreditar nas minhas aspirações.

Aos meus animais de estimação, tantos que nem posso mensurar, pelo olhar inocente e carinho fiel, fazendo-me acreditar em dias melhores e me ensinando a lutar, mesmo que inconscientemente, por tudo aquilo em que acredito.

Aos professores do curso de letras-Português da UEPB, pelos ensinamentos passados com tanta verdade e dedicação ao longo dessa jornada, cada um contribuiu de maneira significativa para construção de uma nova pessoa, mais crítica, curiosa e com sede de conhecimento.

À professora Micaela de Sá, por fazer fluir as primeiras ideias desse trabalho, assim como à professora Kalina Naro, pelo carinho com o qual aceitou dar continuidade a ele.

Enfim, sinto-me agradecida por todo caminho percorrido até aqui, seja em meio às dificuldades ou alegrias, pois ele me fez cheia de esperanças e anseios por um futuro melhor.

“A escola ensina a ler e a gostar de literatura [...] Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal.” (Márcia Abreu)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. O ENSINO TRADICIONAL DE LITERATURA NA ESCOLA.....	11
3. O QUE PENSAM OS ALUNOS PESQUISADOS SOBRE O ENSINO DE LITERATURA?.....	14
4. “NÃO SE APEGA NÃO”.....	18
5. PRPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM O BEST-SELLER EM SALA DE AULA.....	19
5.1 Motivação e Introdução do aluno ao universo do livro: “O amor de hoje”.....	20
5.2 Primeira possibilidade de interpretação: “O amor acaba?”.....	21
5.3 Segunda possibilidade de interpretação: “O amor próprio”.....	22
5.4 Terceira possibilidade de interpretação: “O amor e a amizade caminham juntos”.....	23
6. CONCLUSÃO.....	25
ABSTRACT.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

AS PREFERÊNCIAS DE LEITURA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E A ABORDAGEM DO BEST-SELLER EM SALA DE AULA

Samara Fidelis de Medeiros Alves¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivos principais analisar as preferências de leitura de um grupo de jovens e propor sugestões de trabalhar o texto literário contemporâneo, mais especificamente a obra “Não se apega não”, em sala de aula, de forma que valorize as preferências dos alunos, aproximando-os da aula de literatura, e, conseqüentemente, estimulando a leitura e discussão do texto literário. Para isso, será traçado o perfil de leitura de alunos do segundo ano do ensino médio, a partir de um questionário, e realizada a reflexão e construção de propostas a partir desses dados. Utilizamos como principais aparatos teóricos Abreu (2006), que traz a literatura de modo mais diversificado e democrático; Silva (2016), que faz uma crítica tanto ao conceito de literatura, quanto ao seu ensino tradicional em sala de aula; e Cosson (2016), que serviu como ponto de partida para as propostas metodológicas realizadas nesse trabalho. Percebemos, ao longo da pesquisa, que grande parte dos jovens sente-se desinteressada pelas aulas de literatura, e um dos principais fatores desse desinteresse é a desvalorização de seu repertório de leitura. Assim, chegamos à conclusão que uma das formas de aproximá-los, estimulando o gosto pela leitura, é a introdução de textos literários que façam parte do seu dia-a-dia.

Palavras-Chave: Leitura. Jovem. Literatura. Best-seller. Não se apega não.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, é comum ouvirmos discursos repetidos pela maioria dos professores da educação básica (e até mesmo professores acadêmicos), como também pela sociedade em geral, que dizem que os jovens não possuem o hábito de leitura ou que, muitas vezes, leem a contragosto os textos apontados pela escola. Esse tipo de discurso acaba sendo proferido, na maioria das vezes, por professores de língua portuguesa, já que estes acabam ficando responsáveis por direcionar práticas de leitura e escrita e, conseqüentemente, tornam-se os principais responsáveis pelo “incentivo” à leitura.

A situação torna-se ainda mais delicada quando se refere à literatura, pois os jovens, segundo os professores, acabam criando certo tipo de resistência à leitura dos textos literários,

¹ Aluna de Graduação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: samarafideliz1993@gmail.com

por considerá-los distantes de suas realidades ou por simplesmente não compreender sua linguagem. Com base nesta realidade, levantamos alguns questionamentos: Os jovens realmente não leem? Eles rejeitam todos os tipos de gêneros literários? Por que eles apresentam rejeição aos textos levados pela escola?

Quando analisamos esse primeiro questionamento, acabamos nos surpreendendo com a inconsistência da afirmação. Numa Era em que estamos constantemente envolvidos com diversas fontes de leitura, que nascem e espalham-se a partir do meio virtual, o jovem atual, detentor e conhecedor das novas tecnologias, circula e tem acesso a essas fontes com a propriedade que lhes é dada naturalmente. E a diversidade de gêneros textuais e literários que circulam nesses meios é gigantesca, desde notícias, memes e reportagens a poemas, romances e contos, tudo disponível com a rapidez e heterogeneidade oferecida pela internet.

A resposta ao segundo questionamento torna-se também um pouco conflituosa quando pensamos, por um lado, nas queixas apresentadas pela escola em relação à leitura do texto literário e, por outro lado, no sucesso de vendas que livros como “Cinquenta tons de Cinza” e “A culpa é das estrelas”, obtiveram no Brasil após seus lançamentos. Essas obras, assim como a saga “Crepúsculo”, “Harry Potter” e “Não se iluda não”, mais recentemente, levaram milhões de jovens a ler, comentar e socializar suas impressões com a voracidade e interesse próprios da idade. Assim, percebe-se que, “apesar das queixas repetidas de que há poucos leitores, de que o livro vende pouco etc., é fácil constatar que se publica muito, que novos escritores e editoras surgem todos os dias, e que comenta-se e consome-se literatura” (RESENDE, 2008, p. 16).

Essa “[...] “febre” das publicações para jovens, quase sempre chegadas até nós por meio de traduções, veio questionar muito do que se pensava em relação ao potencial de concentração dos leitores dessa faixa de idade” (DIAS, 2016, p.215), fazendo-nos concluir que o jovem da atualidade possui interesse pelo texto literário, mas, assim como qualquer outro leitor, têm suas preferências, pois, como afirma Silva (2016), precisam se ver refletidos nos textos literários, necessitando de uma luz que reflita neles a claridade necessária para resolver seus conflitos e questões internas.

O terceiro questionamento acaba ligando-se de maneira estreita ao segundo, pois, diante da grande lista de livros voltados para o público jovem e da consciência de que eles leem textos literários, acabamos nos questionando sobre as motivações que levam o aluno a apresentar certa resistência em relação aos textos levados pela escola. Uma possível resposta a essa problemática seria a valorização do cânone em detrimento de uma literatura considerada marginal, a mesma literatura que é buscada e privilegiada pelo público jovem.

Essa desvalorização do gosto e interesse do aluno acaba fazendo com que esse discente passe a rejeitar a literatura trabalhada em sala de aula, criando, assim, resistência ao modelo imposto pela maioria das escolas. Esse modelo geralmente não é representativo dos anseios e questionamentos trazidos pelos jovens, pois, muitas vezes, reúne obras com uma linguagem demasiadamente rebuscada que acaba afastando o leitor antes mesmo de sua chegada ao conteúdo do livro. É importante ressaltar, no entanto, que os textos clássicos também são importantes para a formação do leitor, o problema está no fato de ser dada extrema prioridade a esses textos, sem levar em consideração as preferências de leitura dos alunos, os assuntos elencados costumeiramente por eles para discussão.

A partir desses questionamentos, entende-se a importância de também levar para sala de aula textos literários que façam parte do cotidiano dos alunos, com uma linguagem próxima a dele, representando a escrita do seu tempo. Assim, o objetivo desse trabalho acaba refletindo essas problemáticas, partindo da proposta de refletir e rever os discursos acerca do fluxo de leitura desses jovens, buscando mostrar o trabalho com textos que façam parte da realidade dos alunos e, conseqüentemente, os efeitos alcançados em relação ao incentivo à leitura, análise e discussão dos textos literários.

A fim de alcançar os objetivos citados nesse trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo², de caráter exploratório, com uma abordagem qualitativa, buscando investigar, a partir da produção de um questionário, a frequência e as preferências de leitura por parte dos jovens, assim como a maneira que tem sido tratado o texto literário dentro da escola. Com base na reflexão sobre esses dados, buscamos trazer sugestões e possíveis caminhos que possam ser percorridos a fim de estimular o interesse do jovem pelas aulas de português, mais especificamente, pela aula de literatura.

Nosso trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira parte, discutimos sobre o ensino de literatura atual, trazendo à tona aspectos que fazem com que o texto literário discutido na escola acabe, muitas vezes, não despertando o interesse do aluno. Na segunda parte, analisamos os questionários respondidos pelos alunos, buscando compreender o que pensam esses jovens sobre o ensino de literatura e quais as suas preferências de leitura. Na terceira, é apresentada a obra escolhida pelos alunos: “Não se apega não”, de Isabela Freitas, mostrando suas características, assim como os recursos que chamam a atenção do público jovem. E na quarta e última parte, trouxemos, partindo de Cosson (2016), propostas de como

² A pesquisa aconteceu na escola cidadã Iolanda Thereza Chaves de Lima, na cidade de Cubatí, Paraíba, em uma turma do segundo ano do ensino médio.

trabalhar o livro de Isabela Freitas em sala de aula, associando-o a outros textos contemporâneos.

2 O ensino tradicional de literatura na escola

O estudo de Língua Portuguesa no ensino médio visa aprofundar as práticas de leitura e escrita desenvolvidas durante o ensino fundamental. Esse aprofundamento deveria ocorrer também em relação à literatura, elevando as experiências dos alunos com o texto literário a um nível mais crítico, capaz de levá-los da instigante fruição consequente da leitura do texto literário, a um olhar analítico e reflexivo sobre a obra. Mas, o que tem sido visto segundo a BNCC³ para o ensino médio, é que “por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos [...] têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino” (BRASIL, 2017, p. 491).

Ainda segundo o mesmo documento (BRASIL, 2017, p. 491), é necessário reintroduzir o texto literário como foco principal do trabalho com a literatura, como também intensificar sua relação com o estudante, pois

[...] a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/ vivenciando.

No entanto, para que essa reintrodução aconteça e para que a relação entre a literatura e o aluno seja intensificada, faz-se necessário também inserir o aluno ao estudo do texto literário, atrair sua atenção, analisar e considerar seus gostos, suas preferências. Mas o que se percebe hoje, na maioria das escolas, é a grande resistência que os estudantes apresentam em relação às aulas de literatura: consideram a linguagem dos textos demasiadamente rebuscada, não se sentem atraídos por suas temáticas, ou não encontram motivos para realizar sua leitura e, pressionados, acabam lendo-os, ou muitas vezes buscando resumos ou resenhas dessas obras na internet, apenas para cumprir as atividades propostas pela disciplina, como meio de alcançar certa pontuação ou nota.

Essa simulação do estudo/aprendizado de literatura acaba tornando-se caótica, pois o professor, impossibilitado pelo tempo de pesquisar e conhecer o universo de leitura do aluno, ou vindo, muitas vezes, de uma formação que, segundo Dias (2016, p. 215) não está voltada

³ Base Nacional Comum Curricular

para o ensino de literatura na educação básica, que abre mão dos textos literários destinados ao público escolar, acaba não sabendo lidar com a rejeição do aluno. E uma das primeiras causas dessa rejeição, principalmente no ensino médio, “é a seleção inadequada das obras literárias, sem levar em conta as leituras prévias dos alunos e as expectativas desse grupo leitor” (MARTINS, 2006, p. 84). Desse modo, a leitura do texto literário passa a ser vista apenas como obrigação, como algo distante da realidade desses alunos, já que não considera o repertório de leitura que eles já trazem consigo.

Isso acontece porque muitas escolas ainda possuem a visão elitizada de que o estudo de literatura deve contemplar e priorizar apenas as obras clássicas, de prestígio, aclamadas e canonizadas pelos críticos literários, como também pelas universidades. Conforme afirma Martins (2006, p. 86),

É preciso repensar os julgamentos de valor disseminados pelas instituições que abordam a literatura sobre prismas distintos (a escola, a crítica literária, a imprensa etc.), quando consideramos que cabe ao leitor construir seu próprio “cânon literário”, valorizando seu repertório de leituras.

Daí a importância de permitir que o estudante também possa realizar suas escolhas e ver suas leituras serem valorizadas e trabalhadas pela escola, fazendo com “que o aluno compreenda que a literatura se faz presente em sua comunidade não apenas nos textos escritos e reconhecidos como literários, mas também em outras formas que expandem e ajudam a constituir o sistema literário” (COSSON, PAULINO, 2009, p. 71).

Vale ressaltar que as obras canônicas também devem ser trabalhadas em sala de aula, pois, segundo Dias (2016, p. 218), “a polarização do discurso sobre o que se ler na escola, alocando o canônico e o não canônico em lugares diferentes, quase sempre marcados por prescrições de cunho social, parece não favorecer o processo árduo que é formar o leitor literário na realidade brasileira”. O problema está na prioridade que é dada a elas, como também no trabalho superficial, com enfoque mais histórico do que literário, que impede que o leitor mergulhe mais profundamente na leitura do texto, dificultando mais ainda sua compreensão. Tendo em vista que os alunos apresentam certa dificuldade para com a leitura dessas obras, faz-se necessário que o professor se utilize de estratégias que possam tornar possível essa aproximação, como também estabelecer um diálogo e convivência justa entre os textos canônicos e aqueles que muitas vezes são considerados não literários.

Além disso, durante todo o ensino médio, o aluno só tem contato com a “literatura de seu tempo” no final do terceiro ano, quando se inicia o estudo da chamada literatura contemporânea, mas esse contato, na maioria das vezes, não acontece. Primeiro porque

geralmente o ano letivo acaba sem que o docente tenha iniciado esse “conteúdo”; isso acontece, em alguns casos, em função da extrema dependência do professor em relação ao livro didático, que acaba obedecendo de forma rigorosa à sequência orientada por ele.

Sabemos que em determinadas escolas o docente é orientado a seguir o livro didático tal qual ele se apresenta, mas percebemos também que há formas de subversão deste material pedagógico, principalmente nas escolas públicas, tendo em vista que nelas há certa margem para utilizar com liberdade este recurso, adaptando-o à realidade do aluno e aos contextos de ensino, já que o livro didático deve ser apenas um auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, não sendo o responsável por direcionar toda a atuação docente. Assim, o professor poderia, por exemplo, preparar um plano de aula que antecipasse o estudo das obras contemporâneas, evitando que os alunos terminem o ano letivo sem conhecê-las.

Outro problema percebido em relação ao estudo da literatura contemporânea é o fato de serem utilizados apenas textos de autores já consagrados pela crítica, como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto. Há a necessidade de levar para a escola, também, textos que façam parte das escolhas pessoais dos estudantes. Para isso, é fundamental que seja dada voz a esse público. A escola, o professor, precisa buscar compreender as necessidades e os anseios desses jovens. O que vemos, no entanto, é que

o professorado, formado em letras, quase metade do curso feito com a leitura e discussão de teoria, obras e críticas literárias, não consegue superar com seu alunado, essa instabilidade, essa instauração de um novo paradigma de leitura e de escritas que saia da zona de conforto da tradição e enfrente as novas escritas que fazem parte do cotidiano dessa juventude. (SILVA, 2016, p. 33)

Assim, segundo Silva (2016) os textos lidos pelos alunos, considerados “literatura menor”, passam a ser marginalizados pela instituição que, na verdade, deveria estimular o gosto pela leitura. Com o tempo, essa marginalização passa a criar no jovem a ideia de que os textos que eles leem não possuem grande relevância, passando a diferenciarem de forma categórica os textos que leem em seu dia a dia, dos textos levados pela escola. Com esse tipo de preconceito literário, passamos a ter, assim, uma literatura extraescolar, lida com gosto pelos alunos, pois estas correspondem aos desejos e anseios dos jovens, e uma literatura interescolar, vista dentro da escola que, conforme afirma Silva (2016), acaba “não falando a língua dos jovens”.

É essa leitura extraescolar que nos interessa nesse trabalho, por ser discriminada e desconsiderada pela escola, mas lida, compartilhada e apreciada pela maior parte dos jovens. Dentre as categorias dessa literatura temos os best-sellers, livros de teor extremamente popular e com altas taxas de vendas. Obras como *Código Da Vinci*, *A culpa é das estrelas*,

Diários de um Vampiro, *Cinquenta tons de cinza*, entre muitos outros, são consumidos diariamente por milhares de jovens no Brasil, que não veem obstáculos em relação ao volume desses textos, e que enveredam pela leitura das diversas séries que os autores dessas obras lançam uma após a outra⁴. Percebe-se, assim, que o problema do jovem leitor da atualidade não está centrado no desinteresse pela leitura, mas no fato de as leituras oferecidas pela escola não acomodarem as suas, que “são plurais, diversas, caminham em universos paralelos sem a mínima discriminação, intolerância e preconceito” (SILVA, 2016, p. 140).

Entendemos, assim, que a introdução de textos que façam parte do universo de leitura dos alunos nas aulas de literatura pode acabar combatendo o preconceito literário existente, conscientizando o professorado sobre a importância de dar voz ao aluno, de estabelecer diálogos dos quais ele possa e queira participar, de falar de assuntos que tenha relevância para o meio em que vivem e, acima de tudo, não excluindo o direito de escolha que o aluno já deveria ter naturalmente. Buscamos, além de refletir sobre as problemáticas do ensino de literatura, também contribuir para melhora desse ensino e, conseqüentemente, para valorização do texto literário, independente de ser clássico ou popular, como para a valorização do aluno, como leitor heterogêneo que é.

3 O que pensam os alunos pesquisados sobre o ensino de literatura?

Para compor o corpus de nossa pesquisa, foi aplicado um questionário em uma turma com 22 alunos, do segundo ano do ensino médio de uma escola cidadã, localizada no município de Cubatí/Paraíba, com o intuito de investigar as preferências de leitura dos discentes, bem como analisar a forma com que o texto literário vem sendo tratado em sala de aula. O questionário contemplou quatro perguntas objetivas e seis subjetivas que visaram evidenciar a relação do aluno com o texto literário, dentro e fora da escola.

Os desafios para aplicação do questionário foram, entre outros, a preocupação de esclarecer a proposta do documento, como também fazer com que o aluno o respondesse de forma sincera e compromissada. Com relação ao primeiro desafio, pensando em esclarecer as possíveis dúvidas que os alunos tivessem ao longo das perguntas, antes da aplicação do questionário, foi iniciada uma conversa buscando explicar de forma mais abrangente o material que eles teriam em mãos posteriormente. Com essa conversa, pudemos esclarecer, por exemplo, que os textos que muitos deles leem em seu dia a dia, considerados, muitas

⁴ O best-seller “Cinquenta tons de cinza”, da autora britânica E. L. James possui 480 páginas e é o primeiro livro de sua trilogia.

vezes, de menor prestígio, também são textos literários e que fazem parte do foco de nossa pesquisa, mostrando que “os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social” (ABREU, 2006, p.10) e, por isso, precisam ser levados em consideração, discutidos e compartilhados.

Outro cuidado que tivemos foi o de esclarecer a importância de responder à pesquisa com seriedade, visto que os estudos acadêmicos acabam influenciando de certo modo os rumos da educação e, conseqüentemente, chegam até à escola. No entanto, percebemos durante a aplicação do questionário, como também no momento da análise, que muitos alunos responderam-no de modo descompromissado, optando pelas alternativas que lhes fizessem diminuir o tempo que passavam em suas respostas. Apesar disso, conseguimos alcançar resultados satisfatórios com a aplicação dos questionários, pois muitos alunos mostraram-se dispostos a contribuir com a pesquisa, somando um número de dados bastante heterogêneo.

A primeira pergunta do questionário era sobre a idade dos jovens, que variava entre 15 e 19 anos, faixa etária razoável para a série que cursavam. A segunda pergunta buscava saber do aluno sua frequência de leitura, sendo explicado anteriormente que essa pergunta englobava tudo que eles leem em seu dia a dia. Mesmo assim, alguns deles a tomaram como leitura de livros, textos escolares, desconsiderando todo repertório de leitura realizada de forma habitual a partir da internet, das conversas com os amigos, etc. Assim, 14 alunos responderam que leem diariamente, compreendendo leitura de forma geral, alguns até citaram um jogo “Free fire”, como exemplo de leitura; 2 responderam que leem semanalmente; 1 que ler mensalmente; 3 responderam que não leem, apesar de um deles voltar atrás dizendo que “ler, mas vez ou outra”; e 2 alunos citaram a opção “outros”, justificando que lê “de vez em quando”. Percebemos, a partir dessa pergunta, que alguns jovens ainda consideram leitura como algo extenso, feito de modo planejado, muito distante das leituras que fazem em seu dia a dia.

A terceira pergunta, que buscava saber dos alunos quais gêneros textuais eles leem, teve como maioria (9 pessoas) a leitura de romances, seguida de quadrinhos e contos (7 pessoas), poemas, crônicas, autoajuda e livros religiosos (6 pessoas), biografia (3 pessoas) e a alternativa “outros” (7 pessoas), curiosamente justificada por “textos virtuais”, “whats app”, “instagram”, “curso em PDF”, mostrando uma visão mais generalizadora de leitura.

Já na quarta questão, referente ao estudo do texto literário em sala de aula, 20 alunos confirmaram que leem o texto literário na escola e, apenas dois, responderam negativamente. A quinta pergunta, que buscava investigar os objetivos da leitura do texto literário em sala de aula, apesar de ter sido marcada com mais de uma opção pelos alunos, não fugiu dos dados

que já vinham sendo mostrados por diversas pesquisas: as aulas de literatura ainda são focadas no estudo da história da literatura, como a biografia de autores e características de escolas literárias (15 pessoas escolheram essa opção). Em segundo lugar, 12 alunos responderam que o foco das aulas de literatura é o estudo para a prova do ENEM, o que pode acabar fazendo com que o texto literário seja tratado de forma fixa, mecânica, ao ser usado apenas como modelo representativo do que se pede nesse exame; as opções subsequentes foram “estudo de literatura para discussão de temáticas em grupo” (marcada por 7 pessoas) e a opção “discussão das relações entre esses textos e a vida real, destacando suas nuances”, escolhida por dois alunos.

Resultados como esse comprovam que o ensino de literatura ainda é “voltado para uma historiografia excessivamente abrangente, geradora de uma abordagem que põe ênfase no decorar características de autores e estilos de época” (PARAÍBA, 2006, p.81), impossibilitando a formação de leitores de textos literários, de leitores críticos acima de tudo.

A sexta pergunta, de suma importância para o nosso estudo, indagava se os alunos liam textos literários fora da escola, e pedia para que eles citassem cinco títulos. Dos 22 alunos, 10 disseram não ler textos literários fora da escola (embora tenha havido a percepção de que a maioria desses alunos escolheu essa opção pela facilidade de não precisar listar as obras nas perguntas subsequentes) e 12 responderam que leem e citaram as obras. No total foram citadas 34 obras, dentre elas muitos livros de autoajuda, ficção científica, histórias de amor voltadas para o público jovem, a maioria livros de literatura estrangeira, muitos deles best-sellers, sendo que os mais citados foram “Cinquenta tons de cinza”, de E.L. James, e o livro “Não se iluda não”, de Isabela Freitas. Ambos são livros que têm uma temática amorosa, retratando essas relações cada um a seu modo.

Relacionando-se com a pergunta anterior, a sétima pergunta visava investigar “com qual intuito a leitura extraclasse é realizada?”, e, a partir das respostas, percebemos que o interesse dos jovens por essas obras geralmente está vinculado a momentos de diversão, descontração, ou para atender algum tipo de curiosidade. Todos esses aspectos são associados a momentos de prazer, a não obrigatoriedade. Daí a importância de associar as leituras dos jovens às leituras trazidas pela escola, proporcionando momentos de trocas entre o que eles leem, e fazem por vontade própria e o que eles estudam na escola, aproximando e criando vínculos entre as várias formas de leitura.

Na oitava pergunta do questionário pedia-se que fossem listadas as obras que fizessem parte da lista de possíveis leituras dos alunos. 12 pessoas listaram 23 obras no total, dentre as mais citadas estão: “Não se apega não”, de Isabela Freitas, “Cinquenta tons de cinza”, de E. L.

James, entre outros, como “O homem mais inteligente da história”, de Augusto Cury e “Para todos os garotos que já amei”, de Janny Han. Apesar de haver uma predominância de literatura estrangeira ao longo das listas dos alunos, os autores brasileiros Isabela Freitas e Augusto Cury aparecem como preferência entre os jovens pesquisados.

A nona pergunta, de extrema importância, pois coloca o aluno como sujeito ativo no processo de educação, buscando fazer com que ele opine na maneira como se dará esse processo, trouxe respostas bem interessantes que justificam a importância das obras lidas pelos jovens em aulas de literatura como algo associado ao prazer, à fuga da rotina, a fazer o que se gosta, ponto chave do nosso trabalho, pois reconhecemos que “a escola ensina a ler e a gostar de literatura [...] Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal.” (ABREU, 2006, p. 11), desconsiderando o repertório e as contribuições que podem ser trazidas pelo sujeito/aluno.

Dentre as respostas dos discentes, algumas se destacam por traduzir com êxito a essência desse trabalho. Um dos alunos diz, por exemplo, que “*é bem mais fácil falar de algo confortável, de que se goste*”, revelando, assim, a facilidade em discutir sobre o que é de seu agrado, mostrando, a partir de sua fala, a receptividade em relação ao trabalho com os textos de seu dia a dia, ao mesmo tempo em que demonstra certo distanciamento em relação aos textos trabalhados pela escola. Outro aluno traduz a introdução dos textos não canônicos como fuga da rotina, associando, conseqüentemente, as aulas de literatura como algo repetitivo, enfadonho: “*Seria uma forma de fugir da rotina diária que tenho nas aulas*”. Por último, um dos alunos pesquisados relaciona a inserção dos textos lidos extraclasse com a noção de facilidade, visto que os textos que fazem parte de seu contexto facilitariam seu entendimento: “*Sua realização seria mais fácil, aprender com o que convivo, então seria mais fácil aprender o português*”. Essas respostas revelam a insatisfação dos alunos em relação às aulas de literatura, assim como o desejo de verem suas leituras inseridas na escola.

Por último, pedimos que os alunos sugerissem temáticas para serem trabalhadas em sala de aula, a fim de torná-lo cada vez mais próximo e mais ativo no processo de ensino/aprendizagem. As temáticas mais citadas foram “romances”, “games”, “terror”, “amor”, “futebol” e “política”.

Analisando o questionário, de modo geral, percebe-se que o jovem lê textos literários, mas as leituras realizadas por eles distanciam-se das obras estudadas na escola. Outro ponto interessante é o interesse que os jovens ainda possuem por temáticas relacionadas ao amor e

às diversas relações que o rodeiam, comprovado a partir dos textos citados por eles, como a partir das respostas da décima pergunta.

Sabendo disso, cabe a nós, como professores de Língua Portuguesa, “[...] estar atentos às narrativas produzidas pelos e para os jovens, pois elas ensinam e mostram especificidades da juventude contemporânea.” (QUADROS; SOUZA; TREVIZAN, 2014, p. 83), para, assim, buscarmos aproximar as leituras dos alunos às da escola, criando uma ponte entre os interesses dos discentes e ampliando, assim, o seu repertório de leitura, fazendo do jovem um leitor crítico do texto literário.

4 “Não se apega não”

Um dos livros que foi destaque nas respostas dos alunos e escolhido para servir como ponto de partida deste trabalho foi o best-seller brasileiro “Não se apega não”, da blogueira e escritora Isabela Freitas (2014). Segundo o G1, essa obra vendeu 80 mil livros em três meses, consequência dos mais de 163 mil seguidores que a autora possui nas redes sociais, como também da temática e linguagem voltada para o público jovem.

Assim como muitos livros contemporâneos, “Não se apega não” possui uma linguagem simples, com uma heterogeneidade estrutural que caminha por múltiplos gêneros, desde a autoajuda, como é descrito em sua ficha catalográfica, ao romance, percebido a partir dos elementos narrativos que constituem sua composição. Essa mistura parece ser proposital, como forma de trazer técnicas de autoajuda a partir de um enredo que atraia o leitor, ao invés da utilização pura de frases de incentivo. Além disso, durante todo percurso da obra, nos deparamos com elementos verbais e não visuais, que dão ao texto uma ambientação virtual, como se autora também estivesse escrevendo um diário pessoal em um blog.

Apesar da narrativa simples, direta, a partir de um enredo que não surpreende a maioria dos leitores: Isabela, personagem principal do livro, termina o relacionamento com seu namorado e passa a se aventurar em uma vida de solteira, rodeada por altos e baixos. O livro pode ser explorado de maneira satisfatória, quando levamos em consideração os ideais de liberdade e amor próprio, defendidos pela personagem, que podem servir como ponto de partida para discussão com os alunos.

Outro ponto que podemos destacar desse livro é a nomeação do narrador-personagem, nome da própria autora Isabela Freitas. Esse traço também é visto na obra “O útero é do tamanho de um punho”, de Angélica Freitas (2017), por exemplo, cujo nome aparece em diversos momentos nos poemas, como eu-lírico. Esse caractere, presente em algumas obras de

autores contemporâneos, nos leva a compreender que o autor da atualidade possui a necessidade de retratar, mesmo que de forma fictícia, o real a partir da literatura, buscando trazer o máximo de si para os seus trabalhos, ao mesmo tempo em que busca manter um contato e aproximação maior com o seu público.

A partir da leitura, percebemos que, apesar do texto não exigir uma grande experiência interpretativa por parte do leitor, mostrando tudo de maneira bastante explícita, fica evidente as motivações que levaram os jovens a escolherem esse livro: a temática e enredo voltados pra situações, anseios e preocupações próprias desse público. Pensando nisso, o professor pode utilizá-lo como fonte de ótimas discussões em sala de aula, como também podem expandir o repertório de leitura dos alunos com textos que podem relacionar-se com ele. E é o que veremos a seguir.

5 Propostas metodológicas para o trabalho com o best-seller em sala de aula

Levando em consideração as discussões e reflexões realizadas até aqui, faz-se necessário elaborar alternativas e propostas para aproximar o aluno do texto literário, e uma das alternativas a ser seguida, como já foi discutido, é o trabalho em sala de aula com textos que façam parte do repertório dos alunos, acreditando que,

ao promover discussões a respeito das obras que os estudantes leem, independentemente de seu modo de representação, seja possível compreender os fatores que motivam suas escolhas, bem como fazer delas um ponto de partida para promover o letramento literário, formando, assim, leitores que possam fruir das experiências suscitadas pela leitura, em suas diversas formas de circulação.” (ESPINDOLA; ROCHA, 2015, p. 252-253)

Só assim, partindo do que o aluno aprecia e buscando compreender as motivações que levam esses sujeitos a tal apreciação, é possível introduzi-los nas aulas de literatura, incentivando o gosto pela leitura a partir de um processo de inserção, em que ele se sinta participante de seu aprendizado.

Pensando nisso, e partindo da obra “Não se apegue não”, mencionada anteriormente como uma das mais citadas entre os estudantes durante a aplicação dos questionários, apresentaremos nesse trabalho algumas sugestões, visando trazer o estudo desse livro atrelado a outros textos contemporâneos, como também vinculando esses estudos a elementos que façam parte do contexto desses alunos. Para isso, trabalharemos as temáticas próprias do livro “Não se apegue não”, “amor e amizade”, buscando refletir e discutir sobre a maneira como elas

são colocadas no texto, mostrando também como vários textos podem apresentar certa relação entre si.

Vale destacar que o professor pode adaptar as sugestões apresentadas conforme a necessidade e o contexto de seus alunos, utilizando-se dessas ideias como ponto de partida ou até mesmo aperfeiçoando-as conforme for preciso, pois, longe de ser um trabalho perfeito e unilateral com o texto literário, essas sugestões representam o esforço e a tentativa de aproximar o público jovem da leitura do texto literário.

5.1 Motivação e Introdução do aluno ao universo da obra “Não se apegue não”: “O amor de hoje”

Cosson (2016) apresenta métodos práticos e teóricos de realizar o letramento literário em sala de aula. Assim, ele sistematiza e divide esse processo em diversas etapas, orientando o professor na maneira como proceder. A primeira etapa desse processo é a motivação que, segundo o autor, “consiste em uma etapa de preparação, de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido” (COSSON, 2016, p.77). Nessa fase, o professor deve partir do contexto dos alunos para, só assim, explorar os elementos da obra que será trabalhada.

Para introduzir o aluno ao universo do livro “Não se apegue não”, propomos o trabalho com músicas sertanejas, das quais selecionamos, mais especificamente, “De quem é a culpa?” e “Ausência”, de Marília Mendonça, e “Medo bobo”, de Maiara e Maraysa, levando em consideração que elas são escutadas pela maioria dos jovens na atualidade. A partir dessas músicas, o professor poderá discutir com os alunos sobre a temática principal trazida (o amor/relação amorosa), assim como a maneira com a qual essas temáticas são abordadas pelas cantoras e pelo movimento (sertanejo/’sofrência’), do qual elas são representantes. Para isso, pode-se pedir que os alunos escrevam no quadro os principais aspectos que chamaram atenção nas músicas, e a partir disso, ser realizada uma discussão, buscando saber como eles veem o amor na atualidade e se os episódios retratados acontecem em seus cotidianos.

Na sequência, pode-se adentrar ainda mais no universo da obra, na etapa descrita por Cosson (2016) como “introdução”, em que o aluno inicia os primeiros contatos com o texto a ser lido, numa espécie de mapeamento. Uma opção para o trabalho com esse livro é explorar a sua relação com as redes sociais, mostrando, por exemplo, em uma espécie de “plaquinha”, a hashtag “Não se apegue não”, como forma de saber se eles conhecem a expressão e, conseqüentemente, o próprio texto. Pode-se questionar, ainda, a relação do uso da hashtag com a profissão da autora, Isabela Freitas (blogueira), extraindo os conhecimentos prévios dos

alunos e afunilando a discussão acerca do uso do meio digital e a relação dos jovens com esse tipo de canal. A partir disso, as primeiras páginas do livro podem ser mostradas aos alunos, explorando os aspectos não verbais da capa, assim como uma espécie de manual inserido antes do primeiro capítulo, que mostra 20 regras de desapego, fazendo com que o livro assuma também um carácter de autoajuda inserido em romance.

Feito isso, o professor pode pedir a leitura da obra, ressaltando que os alunos devem prestar atenção à maneira como se dá a temática amorosa presente nele, e aconselhando que façam uma espécie de diário de leitura, no qual eles devem anotar todas as dificuldades e curiosidades que surgirem ao longo do processo. Esse diário ajudará o aluno na compreensão da leitura, assim como servirá de lembrete a respeito de possíveis dúvidas e curiosidades que eles possam apresentar em meio ao percurso.

5.2 Primeira possibilidade de interpretação: “O amor acaba?”

Após ultrapassar a parte motivacional e introdutória do trabalho com esse texto, deve-se mergulhar na sua leitura e interpretação, momento importante em que o aluno começa a formular e comentar suas primeiras impressões acerca do livro, até partir para as discussões mais específicas. Propomos, de início, uma discussão acerca da efemeridade do amor, visto que o livro inicia com o relato do fim de um relacionamento. Para isso, indicamos a leitura da crônica “O amor acaba”, de Paulo Mendes Campos, e a discussão com os alunos sobre o fato de o amor ser representado nesse texto como um sentimento efêmero, finito, diferente das características que geralmente são atribuídas a ele (infinito/durável). Isso deve ser feito, salientando os diversos momentos e motivos, trazidos na crônica, que fazem com que esse sentimento acabe, evidenciando também o modo como o texto é escrito, em apenas um parágrafo, a partir de diversas frases postas uma após outra, fundindo-se em um único ideal: “o amor acaba”, passando a sensação de presenciarmos o término do amor em vários momentos, de maneira simultânea.

Na sequência, o professor pode pedir que os alunos expressem verbalmente a relação estabelecida entre a crônica de Paulo Mendes Campos e o romance “Não se apega não”, lido por eles. Espera-se que eles entendam a maneira como o amor é trazido nos dois textos, um sentimento essencial à vida, mas que possui uma transitividade razoável, possibilitando finais, começos e recomeços. Uma segunda opção é explorar como a personagem do livro enxerga o amor, como essa visão é exemplificada a partir de suas relações amorosas e das características que são atribuídas a ela.

Em seguida, para dar continuidade à discussão sobre a efemeridade do amor, ampliando ainda mais a visão do aluno sobre esse tema e sobre as relações que textos e autores distintos podem ter sobre eles, pode ser feita a leitura do conto “Vá se entender as mulheres!”, de Edson Tavares, que narra o fim de um relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher. Aconselhamos a exploração da relação com a obra “Não se apega não”, a partir similaridades e diferenças entre ambos: no conto, assim como no romance, a mulher toma a atitude de terminar um relacionamento aparentemente perfeito, mas que não lhe faz bem. No entanto, diferente da personagem Isabela do livro “Não se apega não”, a personagem Serena, do conto “Vá se entender as mulheres!”, termina o relacionamento de modo silencioso, sem expressar verbalmente os motivos da decisão. Ao final do trabalho, pode ser pedido que os alunos textualizem suas opiniões acerca das relações entre os três textos trabalhados.

5.3 Segunda possibilidade de interpretação: “O amor próprio”

Entendendo que a obra “Não se apega não” carrega em seu enredo uma temática fortemente voltada para o amor próprio feminino, e que essa temática precisa ser discutida nos dias atuais, podemos utilizar a música “Me adora”, da cantora Pitty, provavelmente conhecida pelos alunos, como ponto de partida para o estudo desse aspecto do texto. Realizar-se-ia, assim, uma comparação entre os personagens da música e o casal “Isabela” e “Gustavo” do livro “Não se apega não”, pois, assim como na música, os personagens do livro vivem um relacionamento marcado por certos conflitos. “Gustavo” sente-se dono de “Isabela”, se utilizando de argumentos machistas para persuadir a companheira sobre “seus erros”, mas, diferente da situação relatada na música, Isabela consegue se desvencilhar do relacionamento abusivo. A partir da comparação, pode ser discutido com os alunos sobre relacionamentos abusivos e sobre a importância do amor próprio e respeito mútuo, esperado de qualquer relação, voltando-se também para os elementos trazidos no livro.

Dando sequência, como forma de expandir o universo de leitura dos jovens, como feito nos passos anteriores, pode ser realizada a leitura do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, texto altamente metafórico e carregado de elementos, que podem ser comparados com a obra de Isabela Freitas. Seu enredo traz a história de uma jovem tecelã que tinha uma vida feliz, tecida a partir de linhas coloridas e vibrantes, mas a jovem sentia-se sozinha e resolve, assim, tecer um companheiro. Mas este, movido pela ganância, passa a obrigá-la a

tecer riquezas dia após dia, e a moça vai tornando-se cada vez mais triste, tecendo tudo com linhas escuras, até que resolve destecê-lo, tornando tudo novamente colorido e feliz.

Realizada a leitura, discute-se o conto, ressaltando os dois momentos existentes nele (antes e depois de ser tecido o marido), como também os motivos que levaram a personagem principal a tomar a decisão de “destecer” o seu companheiro, fazendo uma ponte com as motivações que fizeram com que Isabela, personagem do livro “Não se apegue não”, acabasse o relacionamento com seu namorado, chamando atenção dos alunos sobre a metáfora da tecelagem, interrogando-os sobre as motivações que poderiam ter levado a esse tipo de comparação, prestando atenção nos detalhes das cores e instrumentos de trabalho de tecelagem associados às emoções dos personagens. Ao final da discussão, o professor destacaria o fato da personagem do conto, assim como Isabela, perceberem que se sentiriam bem consigo mesmas, não precisando necessariamente de outra pessoa para ser feliz, estimulando os alunos a tecerem suas opiniões sobre o fato.

5.4 Terceira possibilidade de interpretação: “O amor e a amizade caminham juntos”

Outra opção de trabalho com essa obra é a inserção de textos não-literários como ponto de partida. Para isso, foi escolhido o gênero “meme” (ressaltando, porém, que o docente pode sentir-se à vontade para escolher tirinhas, charges, etc.), levando em consideração sua relação com a internet, também compartilhada pela obra “Não se apegue não”, mais especificamente dois memes que trazem como temática a “amizade”:

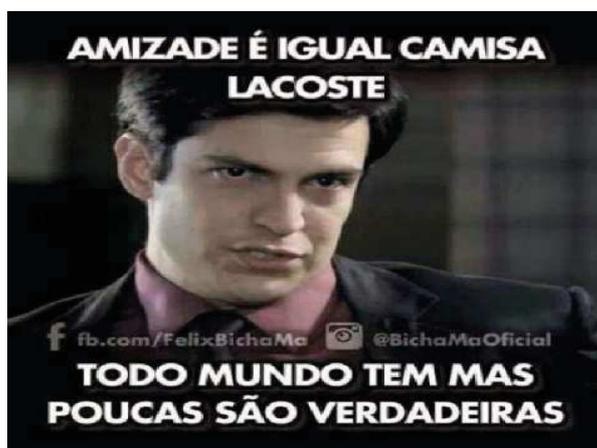


Imagem 1 – Amizade e lacoste

Fonte: <http://www.meuzapzap.com/imagens/baixar/engracadas/12910/download/>



Imagem 2 – Amizade de verdade é aguentar amiga apaixonada

Fonte: <https://www.imagemwhats.com.br/amizade-verdadeira-e-aguentar-amiga-apaixonada/>

A partir desses textos, podem ser discutidos diversos aspectos, como: o teor cômico próprio dos memes, representado na imagem 1 pela comparação entre a amizade verdadeira e um objeto valioso, ambos difíceis de serem encontrados, e na imagem 2, através da dificuldade de suportar uma pessoa apaixonada; o uso do texto verbal e não verbal, geralmente com personagens conhecidos pelo público, como o personagem Félix da novela global “Amor à vida” (figura 1) e a garota Chloe (figura 2), sucesso na internet após protagonizar um vídeo engraçado na Disney; assim como a presença de frases que fazem parte dos ditos cotidianos, nesse caso sobre amizade.

Partindo desse momento, é sugerido que se pergunte aos alunos sobre a relação que eles podem estabelecer entre os memes e o livro “Não se apegue não”, esperando que eles falem sobre os laços de amizade trazidos pelos dois, destacando momentos em que a protagonista do livro relata a dificuldade em encontrar amigos verdadeiros (figura 1), e sobre os momentos engraçados vividos por ela ao estar apaixonada (figura 2).

Em seguida, como opção de expansão de leitura, a crônica “Amigos para sempre”, de Miriam Leitão, pode ser levada, atentando para as relações de amizade descritas, como a perda de um amigo, a distância, etc., assim como a importância da internet para comunicação entre amigos, fazendo sempre uma comparação com o livro, já que ele também traz todos esses aspectos.

Na sequência, a discussão pode ser ainda mais aprofundada a partir do livro, pedindo que os alunos falem sobre os “melhores amigos” de Isabela, como também sobre as decepções vividas pela personagem em relação a alguns amigos, destacando a importância do amigo em momentos diversos, o que faz com que a amizade seja tão importante quanto o amor. Ao final de todo esse percurso, o aluno poderá discutir textos diversos, além da obra “Não se apegue

não”, ampliando assim o seu repertório de leitura e tendo acesso a gêneros textuais e literários variados.

6 CONCLUSÃO

Com base nas análises e reflexões realizadas nesse trabalho, pudemos compreender a situação atual do ensino de literatura na escola e, conseqüentemente, conhecer as motivações que levam o aluno da educação básica a rejeitar os textos literários trabalhados em sala de aula. Percebemos que o uso, quase totalitário, de textos canônicos acaba afastando os alunos, visto que estes não se sentem representados por eles e, ao mesmo tempo, possuem a necessidade de verem os textos lidos em seu dia a dia introduzidos nas aulas. Vimos também, a partir dos questionários, que a escola ainda trabalha a história da literatura, dando maior evidência à biografia de autores e estudos de estilos de época.

Analisadas essas percepções, entendemos que o jovem atual ainda lê e aprecia o texto literário, mas o texto literário do seu tempo e contexto. Assim, o professor, como importante auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, deve buscar alternativas, visando introduzir esses textos no ambiente escolar, estimulando o aluno à leitura do literário. Só assim, dando voz ao aluno, ele se sentirá apto a realizar leituras e discussões, podendo até ampliar o seu repertório de leitura com outros tipos de textos, que não os seus. Mais do que uma reestruturação do ensino de literatura, essa mudança significa a reintrodução e posicionamento do sujeito/leitor, de uma posição passiva e nula de pensamentos críticos, a uma atitude ativa e crítica.

A partir dessas considerações, pudemos compreender também a relevância de trazer propostas que funcionem como ponto de partida para auxiliar o professor no trabalho com os textos não canônicos em sala de aula, pois, analisada a situação atual do ensino de literatura que, como já foi dito, caminha entre a historiografia excessiva e a valorização do cânone em detrimento dos textos não canônicos, faz-se necessário pesquisar e buscar contribuir cada vez mais para a sua melhoria. Longe de tentar trazer métodos fixos e irrefutáveis de trabalhar o texto literário, esse trabalho buscou trazer um diálogo entre os gostos e preferências dos alunos e o ensino de literatura na escola, mostrando a insatisfação do alunado em relação ao ensino de literatura e, ao mesmo tempo propondo formas de preencher as lacunas existentes.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the reading preferences of a group of young people and to propose suggestions to work the contemporary literary text, more specifically the work "Do not cling no", in the classroom, in a way that values the preferences of the students, approaching them from the literature class, and, consequently, stimulating the reading and discussion of the literary text. To do this, the reading profile of second-year high school students will be traced, based on a questionnaire, and the reflection and construction of proposals based on these data will be carried out. Abreu (2006) uses the main theoretical apparatus, which brings the literature in a more diversified and democratic way; Silva (2016), who criticizes both the concept of literature and its traditional teaching in the classroom; and Cosson (2016), which served as a starting point for the methodological proposals made in this work. Throughout the research we noticed that most of the young people feel disinterested in literature classes, and one of the main factors of this lack of interest is the devaluation of their reading repertoire. Thus, we come to the conclusion that one of the ways to approach them, stimulating the taste for reading, is the introduction of literary texts that are part of your daily life.

Keywords: Reading. Young. Literature. Best seller. Do not cling

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006. (Paradidáticos, série Cultura, Coordenação de José Luís C. T. Ceccantini).

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Consulta pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_em_baixa_site.pdf >. Acesso em: 22 de agosto de 2018.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**. Disponível em: < <https://www.contioutra.com/o-amor-acaba-cronica-de-paulo-mendes-campos> > Acesso em 22 de setembro de 2018.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1413748> > Acesso em 22 de setembro de 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática / Rildo Cosson. – 2. Ed, 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: _____. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. – São Paulo: Global, 2009.

DIAS, Ana Creliá (2016). Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido(s). **Revista Cerrados**, p. 210-228. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/210-228>> Acesso em 25 de setembro de 2018.

ESPÍNDOLA, Ana Lúcia; ROCHA, Flávio Amorim da (2015). Literatura de massa na escola: uma proposta de letramento literário. **Via Atlântica**, p. 247-259. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i28.89994>> Acesso em 25 de setembro de 2018.

FREITAS, Isabela. **Não se apega não**. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014

LEITÃO, Miriam. **Amigos para sempre**. Disponível em: < <http://www.matheusleitao.com.br/7914-amigos-para-sempre-por-miriam-leitao.htm> > Acesso em 29 de setembro de 2018.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?. In: _____. **Português no ensino médio e formação do professor**. - São Paulo: Parábola editorial, 2006.

-PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura, Coordenadoria do Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias** / Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação Geral). João Pessoa: 2006.

PAULA, Felipe de; HENRIQUE, Hugo; TCHULA, Juliano. **Ausência**. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/marilia-mendonca/ausencia/>> Acesso em 22 de setembro de 2018.

PEPATO, Junior. et al. **Medo bobo**. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/maiara-maraisa/medo-bobo/>> Acesso em 22 de setembro de 2018.

PITTY. **Me adora**. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/pitty/1507865/>> Acesso em 22 de setembro de 2018.

QUADROS, Maria Campos; SOUZA, R. Junqueira de; TREVIZAN, Zezé. (2014). Leitores Relutantes e Práticas Escolares de Leitura Juvenil: aprendendo o prazer de ler, com Harry Potter. **Via Atlântica**, (26), 81-95. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i26.84299>> Acesso em 02 de outubro de 2018.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: _____. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. – Rio de Janeiro: Casa da palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **O ensino de literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas**. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

TAVARES, Edson. Vá se entender as mulheres!. In: _____. **Outra História da Mesma Coisa**. – Campina Grande: Latu, 2013, p. 11-15.

MENDONÇA, Marília; TCHULA, Juliano. **De quem é a culpa?**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/marilia-mendonca/de-quem-e-a-culpa/> Acesso em 22 de setembro de 2018.